



PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL: O APEGO SEGURO NA CORREGULAÇÃO EMOCIONAL DAS CRIANÇAS BEM PEQUENAS NO SETTING

Monalisa Catalani Zamboni Kiekebusch¹

RESUMO

O presente artigo discute os postulados da *Teoria do Apego Seguro* que sustenta que os vínculos estabelecidos entre uma criança e seus cuidadores, na primeiríssima infância, modulam a forma com que a criança responde quando exposta a contextos sociais que, se positivos, favorecem o desenvolvimento de habilidades comportamentais seguras e emocionalmente equilibrada, se negativos, podem gerar insegurança e dificuldades com prejuízo para o comportamento apresentado, destacando a importância dos processos de correção emocional que se estabelecem entre ambos. Essas primeiras interações influenciam diretamente a construção da autorregulação emocional e das habilidades sociais infantis, refletindo posteriormente no ambiente escolar, onde professores e psicomotricistas relacionais preventivos assumem a função de novos corretores emocionais. O papel do psicomotricista relacional preventivo é central nesse processo, ao oferecer um ambiente acolhedor, interpretar manifestações simbólicas e promover intervenções baseadas na empatia e na compreensão do vínculo afetivo. Conclui-se que a integração entre teoria do apego, correção emocional, reforça e agrega mais fundamentos à prática psicomotora relacional ampliando e potencializando as possibilidades de intervenção sensível com maior eficácia para desenvolvimento integral da criança em contextos educativos e terapêuticos.

Palavras-chave: Apego Seguro. Correção Emocional. Psicomotricidade Relacional.

ABSTRACT

The article discusses the postulates of the Attachment Theory that argues that bonds established between a child and their caregivers, in the first three years of life, modulate the way in which the child answer when they are exposed to social contexts that, if positive, promote the development of safe and emotionally balanced behavioral skills, if negative, can generate unsafe and difficulties with prejudice for the behavior presented, highlighting the importance of the emotional coregulation processes that are established between both. Those first interactions directly influence the construction of emotional autoregulation and of children's social skills, reflecting posteriorly in the scholar environment, where early childhood educators and preventive relational psychomotor therapists assume the function of news emotional coregulators. The paper of the preventive relational psychomotor therapist is central in this process by offering a welcoming environment, interpreting symbolic manifestations and promoting interventions based in the empathy and in the comprehension of affective bond. It is concluded that the integration between

Attachment Theory and emotional coregulation reinforce and add more fundamentals to relational psychomotor practice expanding and enhancing the possibilities of sensible intervention with greater effectiveness for the integral development of the child in educative and therapeutic contexts.

¹Habilitada em: Habilitação Específica para o Magistério - SEDUC-SP (1995); Graduada em: Licenciatura em Ciências Biológicas - Universidade Anhaguera (2001); Pedagogia - UNIASSELVI (2020). Pós-graduações: 1. Especialista em Neuropsicopedagogia Institucional e Clínica - FAMART (2024) 2. Especialista em Psicomotricidade Relacional Preventiva - IPPEO/Íntegra-CDHR (em fase de conclusão) 3. Mestranda em Ciências da Educação - UNADES (em fase de conclusão).

1. INTRODUÇÃO

Nos primeiros momentos de vida do ser humano, o processo de humanização do novo ser terá início a partir da relação que irá se estabelecer entre o recém-nascido e os adultos: seus pais, em especial da figura materna, e seus familiares primários, como irmãos, avós e tios, que prestar-lhe-ão os primeiros cuidados. Assim, neste primeiro círculo social, quando a criança estiver inserida, estas figuras representativas do elo de apego seguro atuarão como seus corretores emocionais ao atenderem suas necessidades biológicas (ANDRADE; NAVES, 2024).

A correção emocional, segundo Brito (2023), implica no ato da relação entre dois, em que um empresta do próprio equilíbrio emocional para que o outro consiga se equilibrar e restabelecer seu controle. Caso a relação seja entre um adulto, que será o corretor, e uma criança desregulada emocionalmente, este processo possibilitará também que a criança aprenda, com o repetir da experiência, a se autorregular. É no processo de correção emocional da criança com seus cuidadores primários que ela irá se desenvolver e iniciar seu aprendizado íntimo a respeito das emoções, seus significados e contextos no processo de socialização (BRITO, 2023).

Para que a correção emocional aconteça numa relação entre um adulto e uma criança, faz-se necessário que a criança se sinta segura e que ela permita uma interação mais próxima na qual irá compartilhar sua intimidade e irá possibilitar a atuação do outro. Esta segurança necessária ao elo entre a criança e o adulto é explicada e discutida dentro da teoria denominada Apego Seguro descrita por John Bowlby (BOWLBY, 1989).

Ao chegar na escola, a criança traz consigo, todo aprendizado que obteve na relação social com seus cuidadores primários (MARIOTTO, 2009) e as características marcadas na sua personalidade em função da forma de apego experienciada até então, ou seja, se a criança foi atendida positivamente em suas necessidades, ela se sentirá segura e confiante para novas vivências, caso as experiências tenham sido negativas, suas características serão de uma personalidade mais tímida, arredia ou com episódios de agressividade (BOWLBY, 1989). Neste sentido, a escola oferecer-lhe-á a oportunidade de explorar novas relações sociais e novos contextos, mas toda essa novidade implicará na adaptação da criança que poderá sofrer com episódios de desregulação emocional (LINHARES; MARTINS, 2015).

Sendo os professores da educação infantil substitutos dos familiares no cuidado da criança (LAPIERRE; LAPIERRE, 2002), caberá a eles o papel de seus corretores emocionais, contribuindo para a continuidade do desenvolvimento da autorregulação emocional infantil. Nas escolas que contam com profissionais de psicomotricidade relacional preventiva, todo esse

processo de atendimento à criança, que possibilitará o ajuste da expressão emocional adequada a cada contexto, será reforçado no setting de atendimento terapêutico preventivo.

A Psicomotricidade, enquanto Ciência, investe esforço de estudo na compreensão da relação entre o corpo, a mente e as emoções, por meio da investigação da influência da ação motora no desenvolvimento humano no que diz respeito à cognição, afetividade e aspectos sociais de crianças, jovens adultos e idosos, saudáveis ou com comprometimentos variados. Já a Psicomotricidade Relacional, trata-se de uma abordagem terapêutica desenvolvida por André Lapierre, com a colaboração inicial de Bernard Aucouturier, entre 1975 e 1977, que, em 1979, passa a contar com Anne Lapierre, trazendo contribuições ligadas às vivências inconscientes da parte psíquica e que, em 1980, momento também em que Aucouturier decide manter seus estudos apenas na psicomotricidade, André e Anne adicionam o termo Relacional à metodologia que objetiva, no caso da aplicação para crianças, a promoção do desenvolvimento físico e social, utilizando como ferramenta a ação de brincar, apoiada em recursos materiais como bola, bambolês, cordas, tecidos, bastões, caixas e papel, em um espaço físico organizado, denominado setting, que permitirá a expressão livre e espontânea da criança. Convém destacar que, tanto os materiais, quanto o espaço são considerados recursos simbólicos que permitem que a criança expresse suas emoções e conflitos internos pela ação do brincar (LAPIERRE, 2010).

A fórmula referente a como o conhecimento a respeito da Teoria do Apego Seguro e os aspectos da estratégia de correção emocional podem otimizar a forma de análise necessária para a tomada de atitude pelo psicomotricista, no *setting* de psicomotricidade relacional preventiva, com crianças pré-escolares e permitir a conquista de resultados ainda mais positivos é o que este artigo pretende responder.

Pontuar a importância do conhecimento a respeito da Teoria do Apego Seguro e da técnica proposta pela ação de correção emocional, para aplicação norteadora da ação do psicomotricista relacional preventivo, no setting de trabalho com as crianças bem pequenas é o passo primeiro que, mediante a uma revisão narrativa de literatura, conduzirá no decorrer da produção deste artigo à fórmula citada acima.

2.REFERENCIAL TEÓRICO

Com base na obra, escrita por André Lapierre, Da psicomotricidade relacional à análise corporal da relação (LAPIERRE, 2010), foi possível compreender e destacar muitos pontos a respeito da abordagem terapêutica desenvolvida pelo pesquisador, que mesmo permeada, conforme destaca o próprio escritor, por muitos outros estudos e postulados de teóricos como Chauchard na abordagem Neuropsicológica, Dupré e Bascou na abordagem Psicopatológica, Gesel, Spitz e Lézine com a abordagem Genética, Piaget com a abordagem Psicológica do Conhecimento, Freud, entre outros, com abordagem Psicanalítica, Wallon com a abordagem Biopsicossocial, entre tantos mais nomes ainda citados, afirma que não esteve preso a nenhuma dessas escolas de pensamento, pois a teorização da Psicomotricidade foi por ele desenvolvida a partir das próprias experiências pedagógicas vivenciadas tanto com as crianças, quanto com os adultos (VIEIRA; BATISTA; LAPIERRE, 2013).

Enquanto a Ciência da Psicomotricidade trabalha o corpo como instrumental no equilíbrio, lateralidade, coordenação motora ampla, entre outras, a Psicomotricidade Relacional leva em alta conta o corpo psíquico em sua relação com o outro e com o mundo de modo tônico, involuntário, espontâneo, como uma experiência unificada. Assim, ao enfatizar a relação, ou seja,

o vínculo que acontece entre duas pessoas ou mais, que é a característica específica do método, a parte mais primitiva do psiquismo humano, a afetivo-emocional, desperta desabrochando conteúdos simbólicos que irão direcionar e modular o encontro (VIEIRA; BATISTA; LAPIERRE, 2013).

Ao tratar da relação que se estabelece entre um e outro e com o mundo, vale trazer à discussão o que foi postulado por Wallon na década de 20 que afirma que o psiquismo de um indivíduo se constrói a partir da soma da vida orgânica, nos seus aspectos biológicos, com a vida social. Essa ideia de Wallon, com grande inspiração em Darwin, é o que sustenta sua teoria sobre as emoções, ao apontar que o contágio de um pela emoção do outro, que se dá desde o primeiro instante de nascido, é o que garante que o indivíduo recém-chegado ao mundo, tenha seus cuidados primeiros atendidos e, desta forma, provoca alterações sociais, acessa e se apropria dos signos da cultura na qual está inserido (LA TAILLE; OLIVEIRA; DANTAS, 2019).

Para Wallon, que considera o movimento com a força motriz da qual depende todo desenvolvimento humano, debruçar-se sobre o estudo das funções cerebrais e das estruturas esqueléticas que impulsionam e propiciam o movimento é um excelente ponto de partida. Para tal, implica compreender que a relação entre a emoção e o movimento é intrínseca, ou seja, a emoção e o movimento são causadores da mudança de estado de um e outro (LA TAILLE; OLIVEIRA; DANTAS, 2019).

A importância do corpo físico está ligada à manutenção das funções psíquicas e da relação entre o movimento do corpo e emoção, desde as primeiras manifestações de ambos, o ser humano explora o mundo ao qual está inserido. Essa forma tão primitiva, primária, de se relacionar permite um tipo de comunicação que não se apoia em decodificar palavras ou imagens, mas sim em sentir, ou seja, pela tensão exprimida pelo corpo. Essa é a linguagem tônica, que, como aponta Wallon, por La Taille, Oliveira e Dantas (2019), permite que a criança saiba o que pensam seus cuidadores em relação a ela, apenas pelo toque do corpo. Nesta fase inicial, em que a criança utiliza apenas essa linguagem, é o momento em que a individualidade estará sendo construída.

Para o teórico, John Bowlby, na publicação a respeito da Teoria do Apego Seguro, em 1969, a relação entre uma criança e seus cuidadores, implica na construção de um elo, que será o balizador para as construções de vínculos que a criança fará ao longo de sua vida. Portanto, vivências positivas permitirão que a criança se desenvolva emocionalmente segura e consiga estabelecer vínculos sociais saudáveis, logo, vivências negativas implicarão em impacto contrário.

La Taille, Oliveira e Dantas (2019) discorrem a respeito das considerações que Wallon faz sobre o impacto das emoções como determinante das vivências experienciadas pelas crianças em relação à qualidade impressa no comportamento delas. É fato que a emoção provoca a redução da capacidade para o funcionamento cognitivo, comprometendo a eficácia do pensamento racional, seja em contextos de expressão emocional positiva, geradores de comportamentos inteligentes, seja em contextos emocionais negativos, geradores de comportamentos regressivos que resultarão em comportamentos ainda mais desorganizados, refletindo diretamente na qualidade do comportamento expressado aumentando o prejuízo e, por consequência, na capacidade em retomar o controle da situação.

John Bowlby (1989, tradução Barros) assegura que a qualidade do vínculo afetivo responsável pelo desenvolvimento emocional e social das crianças, experimentada desde o seu nascimento, conforme atendidas em suas necessidades básicas biológicas, durante o desenrolar da

infância, se com vivências positivas, será de apego seguro, se com vivências negativas, será de apego inseguro, será responsável pelo desenvolvimento das habilidades afetivas que serão formadas a partir deste modelo interno de funcionamento. Porém, é válido considerar que estes modelos não são permanentes e sofrem alterações pautadas em novas vivências experimentadas.

Considerando a emoção, positiva ou negativa, como força motriz que implica na determinação da tônica do movimento que resulta em um comportamento, ajustado e/ou desajustado, contudo menos racional, que estabelece base para os modelos internos de funcionamento que irão se exprimir em vivências futuras conforme sua similaridade, André Lapierre, por Vieira, Batista e Lapierre (2013), aponta para a importância da observação da comunicação por meio da expressão corporal para além da compreensão de suas manifestações, bem como pelas relações psicofísicas e sócio-emocionais estabelecidas no setting de Psicomotricidade Relacional Preventiva, pois, neste espaço, a criança encontrará ambiente propício para legitimação da sua expressão comportamental livre e segura, permitindo o aflorar de seus desejos e sentimentos, sejam eles: medos, insegurança, ou ainda, ambivalência, tanto na relação com ela própria, quanto com os objetos e o meio, ou mesmo com os parceiros simbólicos que irá encontrar durante a sessão.

Segundo Vieira, Batista e Lapierre (2013), o caráter preventivo da abordagem terapêutica com perspectiva qualitativa ao observar o processo do desenvolvimento cognitivo, psicomotor e sócio-emocional da criança durante a sessão de Psicomotricidade Relacional Preventiva está no decodificar dos comportamentos atuais, apresentados pela criança através das expressões corporais, vinculados aos fatores psicoafetivos, os quais evidenciam suas necessidades através das manifestações simbólicas.

Para André Lapierre, a colocação do corpo na relação representa o ponto que conceitua a prática da Psicomotricidade Relacional, pois com ele se dá o primeiro contato da criança com o mundo e é através dele que se torna possível sentir, perceber, assimilar, acumular, conhecer, aprender e compreender tudo o que está à sua volta através da linguagem tônica analógica de comunicação, bem como capacita e proporciona por este contato, transmitir ao mundo toda a resposta recebida pela mesma via. Para a criança, a busca pela identidade é uma etapa crucial do desenvolvimento que passa pela conquista da autonomia, na qual ela é capaz de perceber o próprio corpo como presença no mundo (VIEIRA; BATISTA; LAPIERRE, 2013).

Durante uma sessão de Psicomotricidade Relacional Preventiva, o jogo espontâneo permite que a criança expresse, de modo inconsciente, seus sentimentos e conflitos, isso porque a brincadeira privilegia o imaginário e, neste local, tudo é possível. Mensagens de conteúdo afetivo emocional importantes são transmitidas pelos gestos, mímicas, posturas e tônica, assim, a partir delas, é possível decodificar e alcançar o significado do contexto apresentado no setting terapêutico (VIEIRA; BATISTA; LAPIERRE, 2013).

Traz André Lapierre, segundo Vieira, Batista e Lapierre (2013), que o profissional psicomotricista relacional, durante a sessão no setting terapêutico, também poderá experimentar o papel de parceiro simbólico da criança e é preciso que ele aprenda a se comunicar com o corpo, que saiba se colocar como referência segura, expressando-se com atitudes de empatia ao manifestar seu interesse, sua aceitação, disponibilidade e suspensão de julgamentos e, ainda, estruturar bases saudáveis garantidoras de que o jogo não sairá do campo simbólico.

Vieira, Batista e Lapierre (2013) explicam que a criança, durante a dinâmica do jogo simbólico, manifestará suas ações de dar, receber, pedir, recusar ou ainda tomar, nas relações que e com quem estabelece revelando seus sentimentos e conflitos internos, de modo que é preciso que o psicomotricista esteja atento para compreender e decodificar esses diferentes comportamentos a partir da temática escolhida, aceita e repetida durante a vivência, bem como aos personagens que escolhe e com quem vivencia, considerando inclusive a participação ou não do psicomotricista no jogo.

Segundo Vieira, Batista e Lapierre (2013), toda manifestação simbólica durante um jogo está pautada em algo análogo ao real, seja a representação de um ato que para a psicomotricidade relacional tem valor de linguagem, de pessoa ou de objeto, como bambolês que trazem o sentido de continente, casa, útero; bastões que sugerem penetração, espada ou falo; bolas com sentidos variados relacionados a ações de possuir, defender, pegar ou ainda representar vivências regressivas; cordas que oferecem possibilidade de representação de vínculos como, por exemplo, submissão ou dominação, entre outros. Baseado nestas analogias, pela observação e compreensão dos comportamentos apresentados é que o psicomotricista relacional, dentro da ampla possibilidade simbólica permitida, fará o caminho inverso, em relação ao sentido, para ler a mensagem com sentido real que está implícita por trás do simbólico. Este processo de leitura do simbólico para o real é considerado decodificação, que permite ao profissional modular suas intervenções.

Considerar as três formas clássicas de manifestação do comportamento com base na Teoria do Apego Seguro descrita por Bowlby (1989, tradução Barros), baseadas nos modelos internos de funcionamento adquiridos pelas experiências vivenciadas pela criança, que refletirão nas atitudes demonstradas nas experiências vivenciadas no futuro, ou seja, a criança poderá se sentir confortável e segura com a intimidade ou com a independência com que vivenciar a relação proposta, ou sentir-se-á insegura, desejando afastar-se quando triste ou visivelmente necessitada de apoio emocional, ou ainda, apresentar comportamentos inseguros ambivalentes com muita instabilidade emocional, evitando vivências novas e não se permitindo aceitar o cuidado afetivo, será de grande valia para dar o tom à ação do psicomotricista durante a sessão terapêutica, tanto para auxiliá-lo na decodificação dos conteúdos para além da simbologia dos materiais, a fim de não se esvaziar na aplicação pura de uma técnica conforme Vieira, Batista e Lapierre (2013) destacam, quanto para decodificar a relação psicoafetiva e psicotônica na colocação do seu próprio corpo para o jogo.

O psicomotricista relacional, durante a sessão terapêutica, assume o papel de cuidador de cada criança, é dele a responsabilidade de garantir o espaço seguro e as regras que mantém o teor saudável ao jogo simbólico, mesmo que durante o jogo ele possa diversificar sua posição com variados personagens para atendimento da necessidade simbólica que se apresente. No setting, o espaço simbólico do tapete, assume também papel de grande relevância, pois a sessão inicia e finaliza neste espaço e, o terapeuta é a pessoa que tem o privilégio de possuí-lo e nele promover a contenção afetiva do grupo e de cada uma das crianças individualmente. O tapete na sessão terapêutica tem por finalidade substituir o próprio corpo do psicomotricista, sobre ele o grupo ou quem necessitar, ao longo da sessão, experimentará a segurança que poderá estar ligada, inclusive, simbolicamente à família ou à casa (VIEIRA; BATISTA; LAPIERRE, 2013).

Contudo, a depender das experiências vivenciadas anteriormente por cada criança individualmente, como traz a Teoria do Apego Seguro, valores como rejeição, mal estar, insegurança podem aflorar durante a vivência terapêutica. Assim, da mesma forma que o

psicomotricista relacional durante a sessão empresta o seu corpo para a contenção, auxiliando na regulação emocional da criança, agindo como corregulador emocional e afetivo, o tapete também desempenha este papel na corregulação emocional delas, ou seja, na modulação de seus comportamentos frente às emoções que emanam através dos conteúdos simbólicos que experimentam.

O papel do psicomotricista relacional preventivo no *setting* terapêutico é sobretudo o de corregulador emocional, uma vez que intenciona entrar na fantasia, consciente ou inconsciente, da criança e a ela responder e vivenciar no sentido de completá-la (LAPIERRE; LAPIERRE, 2002).

3.METODOLOGIA

A metodologia utilizada para produção deste artigo se sustentou na forma de revisão narrativa de literatura (CAVALCANTE, L.T.C.; OLIVEIRA, A.A.S. de, 2020), que buscou descrever e discutir o “estado da arte” sob ponto de vista teórico e contextual a respeito da aplicação dos conhecimentos referentes à Teoria do Apego Seguro e à proposta da corregulação emocional no *setting* de psicomotricidade relacional escolar preventiva com o público de crianças da educação infantil.

Foram examinados documentos como artigos, teses, dissertações, textos online, além de livros. Ainda que não tenham sido esgotadas todas as fontes de informação, a pesquisa possibilitou uma ampla verificação dos assuntos, o que permitirá que este artigo produzido forneça conhecimento e atualização a respeito da temática proposta.

Esta pesquisa, na proposta de metodologia de revisão narrativa de literatura, para a busca do material bibliográfico online, utilizou de descritores como “Teoria do Apego Seguro”, “Bibliografia de John Bowlby”, “O que significa a expressão corregulação emocional”, “Técnicas de corregulação emocional para crianças”, “Regulação emocional infantil”, “Regulação comportamental infantil”, “O que é emoção, afetividade e sentimento”, “O cuidado especializado na educação infantil”, “Fases do desenvolvimento afetivo infantil” e “Fases do desenvolvimento cognitivo infantil”, entre outros descritores derivados destes apresentados, nos endereços eletrônicos como Google Acadêmico e Scielo. Em relação aos livros, tratam-se de exemplares físicos e digitais de acervo próprio.

A seleção do material foi realizada a partir da apresentação do título, seguida da leitura prévia do corpo do texto com o objetivo de avaliar se as características encontradas contribuiriam qualitativamente com o escopo da pesquisa. Foram selecionados artigos, dissertações, teses e textos, bem como livros, tanto impressos quanto digitais.

4.ANÁLISES E DISCUSSÕES

Para produção deste artigo, considerando a possibilidade da narrativa que se desejava construir, elencou-se, num primeiro passo, descritores de busca pela relevância em relação ao atendimento do objetivo definido pelo artigo, que em segundo passo, selecionou a partir de diferentes bases de dados como Scielo, Google Acadêmico, Periódicos Capes e livros da biblioteca pessoal, entre os anos de 1980 e 2024 o material que foi examinado, referenciado e consta na bibliografia.

A partir da revisão narrativa de literatura realizada, a respeito do comportamento infantil,

a análise pautou-se em categorias que possibilitaram articular um debate entre os teóricos de referência, Wallon, Bowlby e Lapierre, sobre o comportamento infantil, manifestações do comportamento infantil e vínculos afetivos, que ao confrontar com artigos recentes no campo da neurociência social, a respeito das emoções, autorregulação, correção e o papel da creche no educar, cuidar e prevenir, possibilitou apontar estratégias para mediar o processo de intervenção dentro do *setting* de psicomotricidade relacional preventiva.

Iniciando a análise considerando os teóricos de referência, optou-se por observar a cronologia dos estudos apresentados por eles de modo que possa evidenciar o quanto cada teoria pode ter influência sobre outra, visto que o próprio André Lapierre cita em sua obra, *Da Psicomotricidade Relacional à análise Corporal da Relação*, de 2010, este apanhado teórico prévio. Assim, nota-se o pioneirismo da abordagem walloniana, com a teoria Biopsicossocial, com estudos que se estenderam pelos anos de 1900 entre as décadas de 20 à 70, enquanto que a teoria postulada na década de 60 por John Bowlby, com início dos estudos já na década de 50, sugere contemporaneidade, colocando os dois teóricos na vanguarda do pensamento que situa a emergência sobre a compreensão do psiquismo atuando sobre bases biológicas do ser humano, moldando o caráter relacional afetivo do ser.

Lapierre, por sua vez, entre as décadas de 70 e 80, dos anos de 1900, estudioso das teorias postuladas por todos os que o precederam, desenvolve uma teoria com base em suas próprias práticas e em observância a todos os teóricos de relevância que o precederam e aponta a estratégia ideal para intervenção no comportamento infantil, a fim de autorregula-lo por meio do brincar que experimenta e explora todos os contextos psíquicos que foram armazenados pelas experiências vivenciadas pela criança até então.

Os contextos vivenciados pelas crianças, assumindo que elas já são indivíduos que a própria vida biológica está impregnada dos valores sociais herdados do convívio com seus cuidadores primários, como elucida Wallon e, em relação ao tipo de apego estabelecido entre elas e os seus cuidadores, conforme teoriza Bowlby, emergem, durante as vivências psicomotoras relacionais no *setting*, quando experimentam vínculos seguros, um comportamento fluido durante a exploração do ambiente, na interação com o outro e na participação dos jogos simbólicos, enquanto que as crianças que experimentam vínculos inseguros tendem a expressar comportamentos de retraimento, agressividade ou ambivalência, diante do mesmo tipo de vivências no *setting* terapêutico de acordo com Lapierre.

Nos documentos mais recentes, produzidos pelos neurocientistas, pedagogos e psicólogos, após os anos 2000, até 2024, à técnica de correção emocional, que consiste em emprestar do próprio equilíbrio emocional para auxiliar na autorregulação da crianças, emerge como um recurso promissor para aplicação durante o atendimento das crianças no *setting* de psicomotricidade relacional preventiva, pois possibilitará ao psicomotricista oferecer suporte afetivo e estabilidade emocional à criança diante de situações de desregulação, ou seja, espera-se que ao emprestar o seu equilíbrio emocional, o profissional contribuía para que a criança experimente novas formas de lidar com as suas emoções, favorecendo gradativamente o desenvolvimento da autorregulação.

A integração da Teoria do Apego Seguro, das técnicas de correção emocional e a psicomotricidade relacional preventiva, permitirá não apenas compreender o comportamento infantil na sua complexidade, mas também promover intervenções que favoreçam o desenvolvimento emocional saudável, a construção de vínculos seguros e a ampliação das

competências sociais e afetivas, reforçando a análise que aponta a eficácia quando o profissional psicomotricista relacional preventivo articula conhecimentos teóricos e práticos na leitura sensível das manifestações corporais e simbólicas da criança.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise do material para o atendimento ao objetivo deste artigo, ainda cabe considerar e ratificar que a construção da habilidade capaz de promover a autorregulação emocional do indivíduo está profundamente ancorada nas primeiras relações de cuidado dispensadas a ele ainda na primeira infância, determinada pela qualidade do apego estabelecido com figuras significativas a esse cuidado. Nesse contexto, a correção emocional se revela como um mecanismo fundamental para o desenvolvimento saudável do indivíduo, pois possibilita que as estratégias de organização afetiva a partir da experiência relacional sejam internalizadas.

Quando uma criança é inserida no ambiente escolar, leva consigo marcas dessas vivências iniciais, que influenciam diretamente sua forma de se relacionar com o espaço, com os objetos, com os adultos e com as outras crianças, seja na forma como irá explorar e/ou como irá responder aos desafios apresentados neste novo espaço social de convivência. Diante desse cenário, o professor e, de modo específico, o psicomotricista relacional preventivo assumem papel central como figuras de apoio, que dentro das bases estabelecidas pela Teoria do Apego Seguro promoverá continuidade e, muitas vezes, ressignificação de experiências emocionais.

A Psicomotricidade Relacional Preventiva, ao privilegiar o brincar espontâneo e a expressão simbólica, oferece um espaço seguro para que conteúdos internos venham à tona, possibilitando sua leitura, acolhimento e elaboração. A atuação do psicomotricista, fundamentada no conhecimento da Teoria do Apego Seguro e nos processos de correção emocional, potencializa intervenções mais sensíveis, assertivas e humanizadas.

Dessa forma, conclui-se que a integração entre teoria e prática, aliada a uma escuta qualificada das manifestações corporais e simbólicas da criança, amplia significativamente as possibilidades de promoção do desenvolvimento integral. Investir na formação desses profissionais e na compreensão desses fundamentos teóricos é, portanto, essencial para a construção de contextos educativos e terapêuticos preventivos mais eficazes, afetivos e transformadores.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, A; NAVES, L. H. C. **Neurociência social e a importância da correção emocional no vínculo da criança com seus cuidadores.** In: Anais do Congresso Multiprofissional da Saúde. Ed: Even3. Varginha - MG. 2024. Disponível em: https://www.even3.com.br/anais/cms_unis2023/769941-NEUROCIENCIA-SOCIAL-E-A-IMPORTANCIA-DA-CORREGULACAO-EMOCIONAL-NO-VINCULO-DA-CRIANCA-COM-SEUS-CUIDADORES Acesso em: 24/07/2024

BOWLBY, J. (1969). **Uma Base Segura - aplicações clínicas da teoria do Apego.** Tradução: Sônia Monteiro Barros, Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

BRITO, R. **(Co)Regulação de Emoções na Infância: “Se tu sentes, eu sinto contigo”**. Amaral Media. 2023. Disponível em: <https://amaralmedia.site/emocoes-crianca/2023/06/01/>. Acesso em: 24 jul. 2024.

CAVALCANTE, L.T.C; OLIVEIRA, A.A.S. de. **Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos**. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2020v26n1p82-100>. Acesso em 20 abr. 2024.

LA TAILLE, Y. de; OLIVEIRA, M. K. de; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 2019.

LAPIERRE, A.; LAPIERRE, A. Trad. PEREIRA, M. E. **O Adulto Diante da Criança de 0 a 3 anos – Psicomotricidade Relacional e Formação da Personalidade**. Curitiba: UFPR: CIAR., 2002.

LAPIERRE, A. Trad. FRANCISCO, M. T. **Da psicomotricidade relacional à análise corporal da relação**. Curitiba: UFPR: CIAR., 2010.

LINHARES. M.B.M; MARTINS, C.B.S. O processo da autorregulação no desenvolvimento de crianças. **Estudo de Psicologia** - Campinas – SP, 2015.

MARIOTTO, R. M. M. **Cuidar, educar e prevenir: as funções da creche na subjetivação de bebês**. São Paulo: Escuta, 2009.

VIEIRA, J.L.; BATISTA, M.I.B.; LAPIERRE, A. **Psicomotricidade Relacional: a teoria de uma prática**. Fortaleza, CE: RDS Editora: CIAR., 2013.